

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

PERSONISMO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E NOVE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Março de 2022

ÍNDICE

A GÊNESE.....	03
ANIMISMO E ESPIRITISMO VOLUME I.....	04
MÉDIUM QUEM É QUEM NÃO É.....	04
ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA.....	14
EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS.....	14
INFÂNCIA E MEDIUNIDADE.....	16
MENSAGEM FINAL.....	17

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a ideia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

Animismo e Espiritismo

Alexandre Aksakof

1º *Personismo* — Fenômenos psíquicos inconscientes, produzindo-se *nos limites* da esfera corpórea do médium, ou *intramediúnicos*, cujo caráter distintivo é, principalmente, a *personificação*, isto é, a apropriação (ou adoção) do nome e muitas vezes do caráter de uma personalidade estranha à do médium. Tais são os fenômenos elementares do mediunismo: a mesa falante, a escrita e a palavra inconsciente. Temos aqui a primeira e a mais simples manifestação do *desdobramento da consciência*, esse fenômeno fundamental do mediunismo. Os fatos dessa categoria nos revelam o grande fenômeno da dualidade do ser psíquico, da não identidade do “eu” individual, interior, inconsciente, com o “eu” pessoal, exterior e consciente; eles nos provam que a totalidade do ser psíquico, seu centro de gravidade, não está no “eu” pessoal; que esse último não é mais do que a manifestação fenomenal do “eu” individual (numenal); que, por conseguinte, os elementos dessa fenomenalidade (necessariamente pessoais) podem ter um caráter múltiplo — normal, anormal ou fictício —, segundo as condições do organismo (sono natural, sonambulismo, mediunismo). Esta rubrica dá razão às teorias da “cerebração inconsciente” de Carpenter, do “sonambulismo inconsciente ou latente” do Dr. Hartmann, do “automatismo psíquico” dos Srs. Myers, Janet e outros.

Por sua etimologia, a palavra *pessoa* seria inteiramente apta para justificar o sentido que convém dar à palavra *personismo*. No latim *persona* se referia antigamente à *máscara* que os atores colocavam no rosto para representar a comédia, e mais tarde se designou por esta palavra o próprio ator.

Médium quem é quem não é

Demétrio Pável Bastos

XX-COMENTÁRIOS: PERSONISMO, ESPIRITISMO E ANIMISMO

Personismo — É uma palavra moldada por Alexandre Aksakof (1890). Veio a lume após a desencarnação de Allan Kardec, que nem chegou a conhecer o termo, o que não significa que não conhecesse o fenômeno.

Alexandre Aksakof o tinha como mediunidade, mas Allan Kardec não o cataloga como tal, pois, como já vimos, os parâmetros de cada um variam para tal classificação.

PERSONISMO		
	Para Aksakof	Para Allan Kardec
Quanto ao fenômeno	é mediúnico	não é mediúnico
Quanto ao sensitivo	é médium	não é médium

Quando Aksakof publicou **Animismo** e **Espiritismo**, Charcot (1825 - 1893) já havia adquirido fama com a teoria da histeria (onde Freud beberia importantes ensinamentos) e a prática do hipnotismo. O universo inconsciente da mente humana já abrira suas comportas para o respectivo entendimento. Nada mais natural que Aksakof reconhecesse em muitos fenômenos tidos por comunicações de Espíritos, apenas um processo psicológico interior, um problema de personalidade, daí, a classificação de **Personismo** (fenômenos internos, intramediúnicos). Recordações de vidas anteriores, inclusive com regressão de memória, podem ser classificadas como Personismo, mas fogem a qualquer classificação acadêmica.

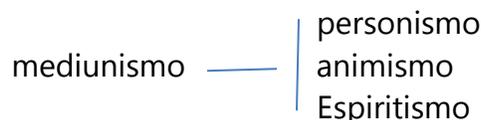
O agente desses fenômenos é a Alma do próprio sensitivo; Alexandre Aksakof poderia tê-los classificado como animismo, mas reservou esse termo para os casos em que o efeito se manifesta do lado de fora do corpo do sensitivo.

A vivência, contudo, rejeitou o termo **Personismo**, que não encontrou ressonância, nem no próprio Bozzano, que bebera ensinamentos em Aksakof; a família espírita preferiu considerá-lo como uma das variedades de animismo.

Espiritismo

Coube a Allan Kardec a glória de haver modelado este vocábulo para designar a Doutrina que se impôs como farol a iluminar as consciências, consolando dores e orientando a razão. ESPIRITISMO é neologismo que dá nome a uma grande doutrina filosófica e científica, de consequências morais, plantada na França e florescida no Brasil, sob a égide de JESUS.

Mas Alexandre Aksakof toma de empréstimo essa maravilhosa palavra para utilizá-la como denominação de certo tipo de fenômeno, reduzindo-lhe o valor.



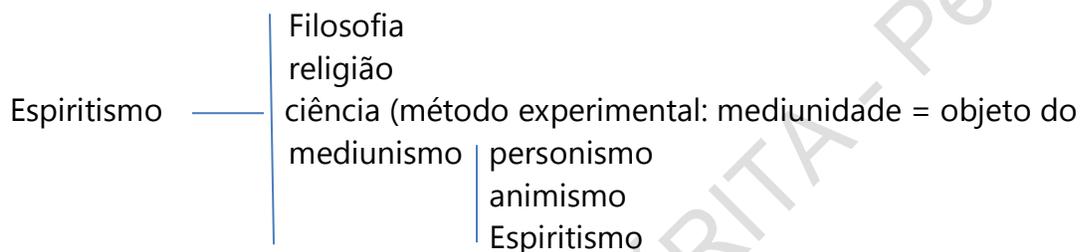
Ao analisar o termo Espiritismo nesta classificação (antes de "animismo"), inclinamo-nos a crer, a princípio, que estava sendo empregado aqui por Aksakof, como quem diz:

— Assim como os fenômenos cujo agente é a Alma devem denominar-se animismo, aqueles cujo agente é o Espírito devem chamar-se Espiritismo.

Haveria, portanto, logicidade no emprego de Espiritismo desta forma.

Chamou-nos a atenção, porém, vir grafado sempre com E maiúsculo, o que evidencia especial consideração para com a palavra, dando a entender que se refere mesmo à Doutrina Espírita.

De que modo entender, porém, Espiritismo, como divisão de um sistema denominado mediunismo, se esse sistema cuida exatamente do fenômeno mediúcnico, que por sua vez é uma parte do Espiritismo? Parece-nos incoerência um todo constituir uma parte de sua própria parte:



Querendo, ou não, referir-se à Doutrina Espírita, Espiritismo (usado por Aksakof) significa, na chave classificatória de mediunismo (pág. 51), o grupo de fenômenos de que os Espíritos são os agentes.

Embora seja mister respeitar o direito de se usarem palavras modificando lhes os valores, nem por isso as consequências deixam de acontecer e a confusão se instala. Lendo-se a obra de Aksakof, vemos que Espiritismo é efetivamente empregado tanto para significar uma coisa como outra. Isto é polissemia que deve ser evitada, a bem da clareza. O próprio título da obra "Animismo e Espiritismo" é ambíguo; tanto pode significar: "Fenômenos cujo agente é a Alma e fenômenos cujo agente é o Espírito", como "Fenômenos cujo agente é a Alma, perante a Doutrina Espírita".

Não fora o fator espaço, desceríamos a outros pormenores, mas o que foi dito é já suficiente para que se tomem posições: ou pelo menos nós espíritas adotamos o vocabulário espírita segundo a fonte — ALLAN KARDEC, ou seremos eternos discutidores a nos desentendermos, por usarmos as mesmas palavras com sentidos diferentes. . .

Alexandre Aksakof faz severas críticas: "O que proporcionou ao Espiritismo um acolhimento tão pouco razoável e tão pouco tolerante, foi que (...) o conjunto de todos os seus fenômenos foi imediatamente atribuído, **pela massa**, aos espíritos" (AE — pág. 22);

— "o grande erro **dos partidários** do Espiritismo é ter querido atribuir todos os fenômenos (...) aos espíritos (AE — 25) (grifos nossos).

Aksakof fez uma análise apenas superficial: é que as massas que buscam esclarecimento e conforto no Espiritismo, chegam a ele despreparadas e condicionadas pela superstição e pelo dogmatismo. São partidários novatos que ainda não tiveram tempo

de estudar e, ao contrário do que a Doutrina Espírita ensina, tudo querem imputar aos Espíritos. Ora, aqueles que observam o movimento espírita apenas de longe, não sabem distinguir o partidário incipiente do partidário estudioso; conseqüentemente, ficam com a impressão de que os erros dos partidários mal informados foram hauridos na Doutrina Espírita.

Aksakof cometeu engano ainda maior, ao dizer: — "Este nome (Espiritismo), por si só, basta para nos insinuar em um mau caminho. Ele deve ser substituído por outro (. . .), como, por exemplo, **mediunismo**" (AF — 25).

Esta outra opinião de Aksakof revela que ele incidia num engano até hoje muito comum: o de confundir mediunidade com Espiritismo.

Saiba-se disso: Aksakof entendia muito de mediunidade, tornando-se um perito no assunto, mas, apenas por isso, não pode ser considerado espírita!... Suas obras não abordam o aspecto filosófico do Espiritismo, nem vão às conseqüências morais, que constituem o ponto alto da Doutrina.

Com tal intensidade Aksakof se interessava pelo estudo do fenômeno mediúnico, que fez dele um sistema, natural pois que cunhasse o termo **mediunismo**. E este não era o caso de Allan Kardec. Para Aksakof, mediunidade é o objeto de seu interesse, para Allan Kardec, constitui apenas o método experimental de que se serve a Doutrina Espírita.

Não raros espíritas empregam a expressão **mediunismo** como se estivessem tratando da mediunidade, supondo tratar-se de palavra doutrinária (bem mais tarde, Emmanuel a repetiria).

Que Aksakof denomine pois de **mediunismo** ao sistema por ele proposto, mas que **Espiritismo** continue sendo a denominação da Doutrina codificada por Allan Kardec.

O grande mérito do filósofo russo foi justamente o de destacar o fato de que Almas também podem ser agentes dos fenômenos de que Espíritos o são, concluindo que a tese do animismo, ao contrário de enfraquecer, fortalece e comprova o Espiritismo, ou melhor, a existência do Espírito.

Ernesto Bozzano, admirador de Alexandre Aksakof e notável pesquisador, proclamaria em seu "Animismo ou Espiritismo?": "o que um Espírito **desencarnado** pode realizar, também deve podê-lo — embora menos bem —, em Espírito **encarnado**" (AE ? — pág. 295).

Na terceira parte deste livro demonstraremos que Allan Kardec disse todas essas coisas, antes dos dois, embora não desse nome a certos fenômenos, pelas razões já mencionadas.

Neste livro, adotaremos a palavra Espiritismo segundo o que grafou Allan Kardec, embora a possamos empregar de acordo com as conotações de Alexandre Aksakof, quando nos estivermos referindo aos estudos deste.

Fenômenos cujos agente são Espíritos		
	Segundo Alexandre Aksakof	Segundo Allan Kardec
Classificação	geral - mediunismo	em qualquer caso - fenômenos mediúnicos
	particular- Espiritismo	Nota - Em muitos casos, a Alma também pode ser agente de fenômenos mediúnicos.

E S P I R I T I S M O		
	para A. Aksakof	para Allan Kardec
Conceitos	1.º conceito: Doutrina codificada por Allan Kardec.	Conceito único Doutrina codificada segundo a orientação do Espírito de Verdade.
	2.º conceito: Fenômenos de que o Espírito é agente	

Animismo

A Alexandre Aksakof devemos a adoção do nome animismo, cremos que definitivamente incorporado ao vocabulário espírita.

Apressamo-nos a dizer que, vulgarmente, esta magnífica palavra é empregada para indicar tão somente momentos tidos por menos felizes de médiuns, chegando a ter conteúdos significativos de censura. Este é um dos sinais que revelam a necessidade de estudo mais metodizado do Espiritismo, inclusive de obras subsidiárias, pois não foi para isso que ela surgiu no cenário espírita: recordações de vidas passadas, fenômenos de bicorporeidade, muitos de mesas girantes, certas psicografias e psicofonias, etc., são o que Aksakof denomina de fenômenos anímicos, desde que a Alma seja o agente.

O animismo é um campo repleto de maravilhas psíquicas, mais sublimes, às vezes, que a própria mediunidade, se levarmos em conta que o anímico pode operar prodígios **por si mesmo**, ao passo que o médium fica sempre na dependência do Espírito para produzir fenômenos mediúnicos.

Coberto de razão, Aksakof se opôs tenazmente à vulgar generalização do conceito de que todos os fenômenos espíritas têm por agentes, os Espíritos. Não disse novidade, mas, em face das circunstâncias históricas do momento que vivia, contribuiu muito para esclarecer esse fato. Devemos-lhe este serviço.

Desde que "O Livro dos Espíritos" foi lançado e, lá se vão mais de cem anos, e apesar de haver magníficas organizações espíritas a trabalhar pela divulgação do Espiritismo bem esclarecido, o problema está longe de ser considerado superado. O terreno fértil que o adepto da Doutrina Espírita oferece, ou seja, o gosto pelo estudo, precisa ser melhor aproveitado; cursos metódicos, regulares, sistemáticos, necessitam proliferar. A literatura espírita vinda do Codificador e dos clássicos, carece ser mais bem conhecida. O esforço que há neste sentido é digno de todos os encômios e deve receber apoio e incentivo de entidades e pessoas.

Há uma tendência pela qual se considera que um fenômeno, ou bem é mediúnico, ou bem anímico, mas esse entendimento não é correto, como passamos a demonstrar.



Classifiquemos alguns fenômenos segundo Allan Kardec e Alexandre Aksakof, mas, antes de fazê-lo, recapitulemos os critérios de cada um deles:

Segundo Allan Kardec:

1) quanto ao fenômeno

— Será classificado como mediúnico:

quando dele figurarem pelo menos ——— | Um E (ou A) e
um sensitivo

quando ——— | entre E (ou A) e S se estabelece
relacionamento que possibilite o fenômeno

— não será classificado como mediúnico:

quando figurar: apenas o sensitivo

2) quanto ao sensitivo

— será classificado como médium:

- o sensitivo que entre em relação com E (ou A) e através do qual o fenômeno mediúnico se torna possível.

— será classificado como não-médium:

- o sensitivo que operar por si mesmo, sem assistência de E (ou A).

Segundo Alexandre Aksakof:

1) quanto ao fenômeno

— será tido como mediunismo:

- todo fenômeno de que participa sensitivo

— quer assistido por E (ou A)

— quer operando por si mesmo

(para Alexandre Aksakof não há fenômeno não-mediúnico).

— será tido como animismo:

- todo fenômeno que tem por agente, Alma

— será tido como Espiritismo

- todo fenômeno que tem por agente, Espírito

— (desprezaremos os casos de personismo)

2) quanto ao sensitivo

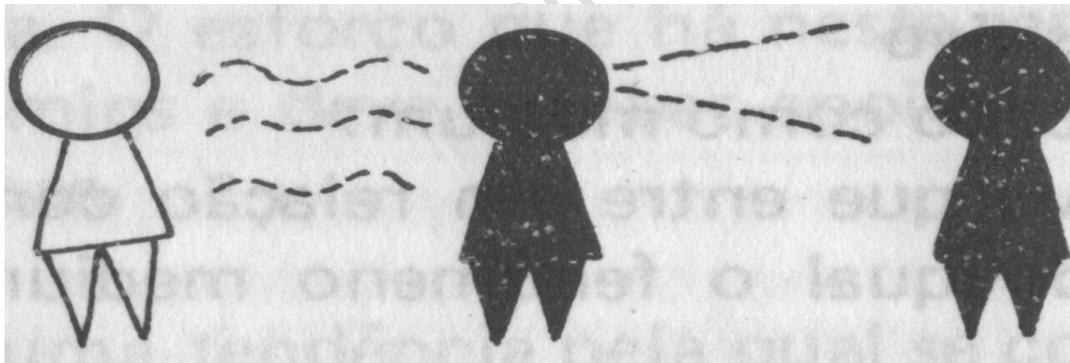
— será tido como médium todo e qualquer sensitivo

(para Aksakof não há sensitivo não-médium)

★ ★ ★

1.º exemplo:

Um Espírito se comunica com um homem através dos poderes de um sensitivo:

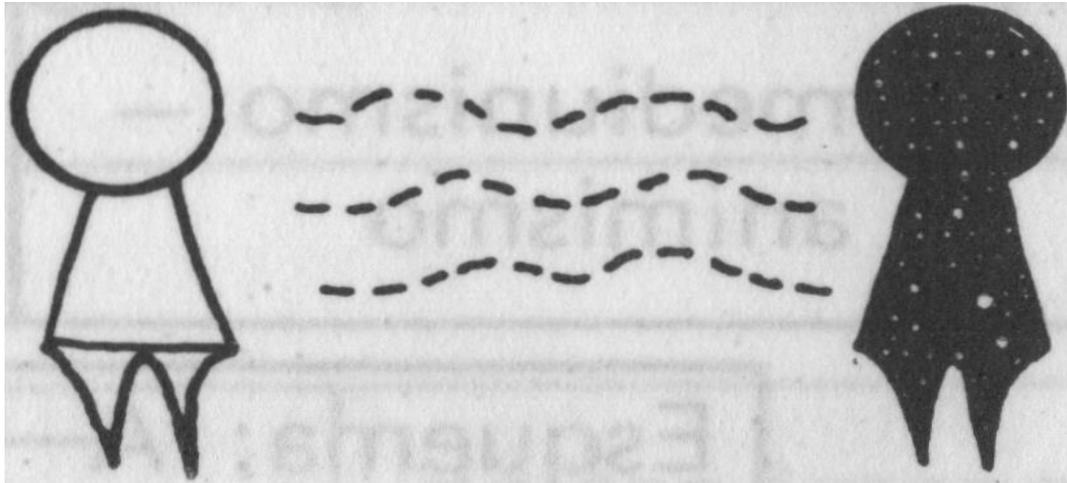


Classificação	do fenômeno	do sensitivo
Segundo Kardec	mediúnico	médium
Segundo Aksakof	mediunismo Espiritismo	médium

Esquema: E - M - H

2.º exemplo:

Um sensitivo vê um Espírito:



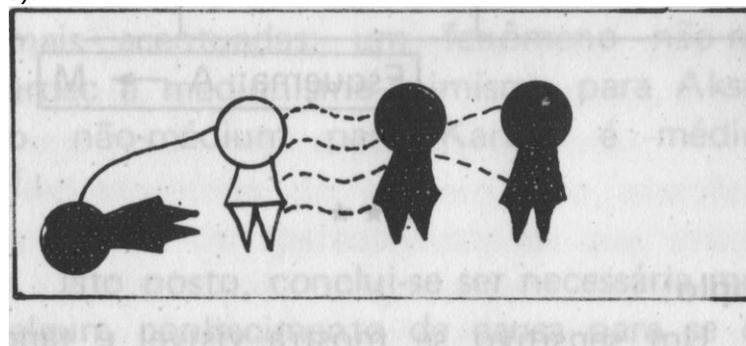
Classificação	do fenômeno	do sensitivo
Segundo Kardec	mediúnico	médium
Segundo Aksakof	mediunismo Espiritismo	médium

Esquema: E M



3.º exemplo:

Uma alma se comunica com um homem através de poderes de um sensitivo (os três são encarnados):



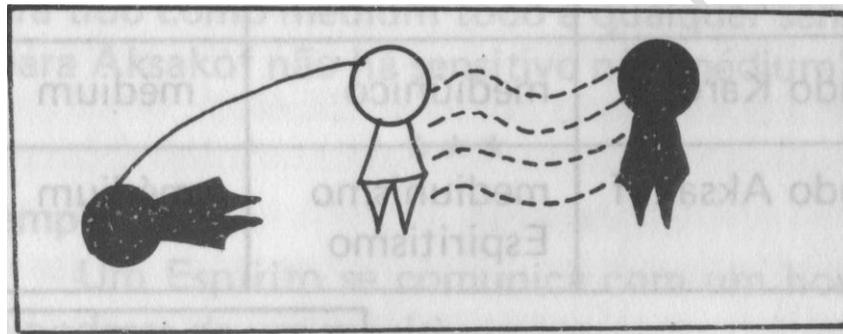
Classificação	do fenômeno	do sensitivo
Segundo Kardec	mediúnico	médium
Segundo Aksakof	mediunismo — animismo	médium

Esquema A M H

★ ★ ★

4.º exemplo:

Um sensitivo vê uma alma:



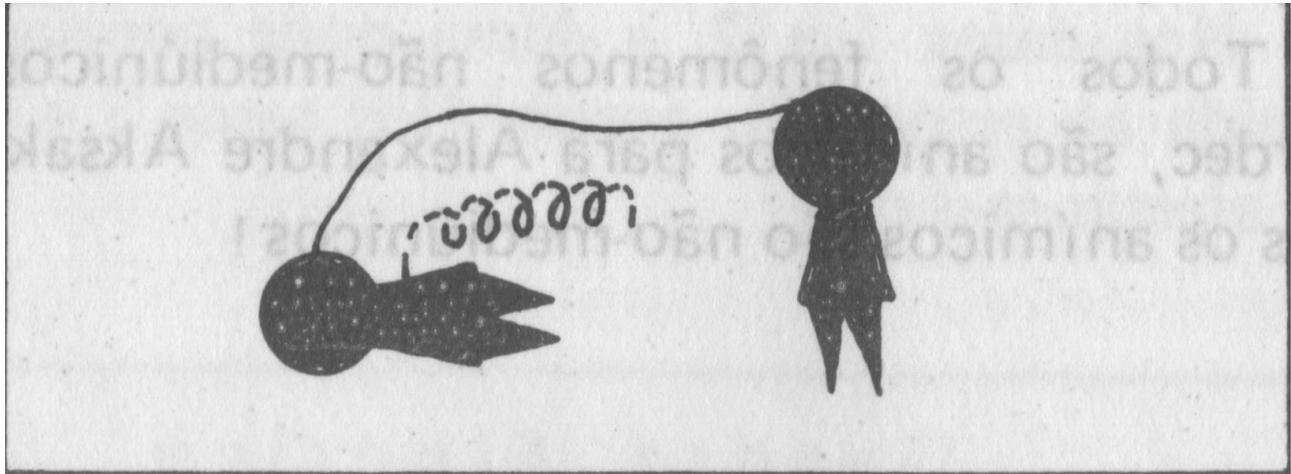
Classificação	do fenômeno	do sensitivo
Segundo Kardec	mediúnico	médium
Segundo Aksakof	mediunismo animismo	médium

Esquema: A M

★ ★ ★

5.º exemplo:

Um sensitivo se mostra visível e tangível em outro lugar (bicorporeidade):



Classificação	do fenômeno	do sensitivo
Segundo Kardec	não-mediúnico	não-médium
Segundo Aksakof	mediunismo animismo	médium

Esquema A (S)

★ ★ ★

ANALISE:

— O 1.º e o 2.º exemplos não oferecem muito assunto para ser comentado, pois as classificações de Aksakof e Kardec coincidem;

— Pelo 3.º e 4.º exemplos verificamos que um fenômeno pode ser classificado, ao mesmo tempo, como mediúnico e como anímico! Isto ocorre porque os critérios de classificação são heterogêneos.

— O 5.º exemplo nos mostra discordâncias ainda mais acentuadas: um fenômeno não-mediúnico para Kardec é mediunismo-animismo para Aksakof; um sensitivo não-médium para Kardec é médium para Aksakof!

Isto posto, conclui-se ser necessária muita atenção e algum conhecimento de causa para se classificar um fenômeno.

Todos os fenômenos não-mediúnicos, para Allan Kardec, são anímicos para Alexandre Aksakof; mas nem todos os anímicos são não-mediúnicos!

Exemplo:

Bicorporeidade:

É anímico (Alexandre Aksakof) e não-mediúnico (Allan Kardec).

Vidência de Alma:

É anímico (Alexandre Aksakof) e mediúnico (Allan Kardec).

★ ★ ★

ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA

ANIMISMO E MEDIUNISMO §22

Dr. Alexandre Sech

Alexandre Aksakoff, cujo nome por si só já é uma garantia, também nos afiança, no seu livro “Animismo e Espiritismo”, que as situações de transe dos sensitivos podem se categorizar em vários níveis. Pode o sensitivo, quando entra num estado especial de alteração de consciência, vivenciar fenômenos intrínsecos do seu psiquismo profundo, caracterizando o fenômeno que ele denomina de *personismo*.

Assim, nem todas as chamadas manifestações mediúnicas que se veem alhures pelos centros que lidam com a mediunidade, sejam espíritas, sejam umbandistas, sejam quimbandistas, caracterizam um fenômeno mediúnico, mas tão somente um estado alterado da consciência em que o indivíduo busca, nos porões profundos do seu próprio psiquismo, material, formas de se comunicar que extrojeta no instante do chamado *transe*, fenômenos estes muito comuns, fenômenos estes que, muitas vezes, são confundidos com o fenômeno do mediunismo puro ou do chamado fenômeno espírita.

Dizia-nos Alexandre Aksakoff, que quando o estado alterado de consciência do médium se projeta para sua própria interioridade, caracteriza o *personismo* e quando essas energias se extrojetam e atuam sobre objetos e coisas inter-relacionando-se com outras pessoas também do nível dos chamados encarnados, estamos diante de um fenômeno *anímico*, como o são os fenômenos de clarividência, da telepatia e da telecinesia. Mas, afiançava o sábio russo, há uma gama importantíssima de fenômenos que ocorrem com a intervenção de seres, chamados desencarnados ou espíritos, que, atuando sobre essa faculdade de intermediação, se comunicam com o plano dos chamados vivos, caracterizando o *mediunismo*, ou o fenômeno espírita.

EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

Aureliano Alves Neto

49 – Personismo

Cada espírito é um mundo em si.

André Luiz

Os experimentadores mal avisados do mediunismo não conseguem discernir comunicações autênticas dos desencarnados, de comunicações oriundas do próprio inconsciente do médium. Às vezes iludem-se reciprocamente, da melhor boa-fé: OH experimentadores, que aparentemente não têm por que duvidar das faculdades dos sensitivos; e este porque não age com o intuito deliberado de fraudar e na realidade não

frauda, senão que atua como “médium de si mesmo”, isto é, operando fenômenos psíquicos em que agente e *sujet* se confundem numa mesma entidade.

Efetivamente, como explica certo autor espiritual, há “o medianeiro que abandona o seu corpo e não o cede a ninguém. Ele mesmo é quem toma conhecimento dos fenômenos do mundo astral e depois os relata convicto de que esteve sob a atuação de um desencarnado. Daí existir o médium que ao mesmo tempo é anímico e mediúnico, cujo espírito se afasta do SEU organismo material e, em liberdade, participa dos fenômenos do mundo oculto, entrando em relação com os espíritos desencarnados e mesmo encarnados”.

Quando tal acontece, defronta-se com um fenômeno de personismo, consoante nomenclatura proposta por Aksakof. (*Persona*, do latim, era o nome que se dava, antigamente, à máscara que os atores usavam em suas apresentações. Mais tarde, *persona* passou a designar o próprio ator.)

Em seu livro *Animismo e Espiritismo*, Alexandre Aksakof, concluindo que “todos os fenômenos mediúnicos, quanto AO tipo”, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo, defende a tese do *personismo* e assim o define: Fenômenos psíquicos inconscientes, produzindo-se nos limites da esfera corpórea do médium, ou *intramediúnicos*, cujo caráter definitivo é, principalmente, a personificação, isto é, a apropriação (ou adaptação) do nome e muitas vezes do caráter de uma personalidade estranha à do médium. (...) Temos aqui a primeira e a mais simples manifestação do *desdobramento da consciência*, esse fenômeno fundamental do mediunismo”.

O personismo — diz o Dr. Antônio J. Freire — é proveniente da descentralização patológica do subconsciente, traduzido nas *personalidades segundas* — tipo a Sra. Beauchamp, do Prof. Dr. Morton Prince.

Lê-se no Capítulo XIX de *O Livro dos Médiuns*, de Kardec:

“A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão na Terra. Eles, então, vos falam como Espíritos e não como homens. Porque não se havia de dar o mesmo com o médium?”

O personismo, como se vê, compreende os fenômenos supranormais dependentes da atividade inconsciente da alma, limitados à organização *somática*, do medianeiro ou fenômenos intermediúnicos nos quais, certamente, por influência de autossugestão, a própria alma do médium *personifica* entidades estranhas.

Aos que desejarem melhor elucidação do assunto, recomendamos a leitura do artigo do Prof. Dr. Lauro S. Thiago, intitulado “Teoria Geral do Animismo”, publicado nos *Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, Ano II, n.º 2.

INFÂNCIA E MEDIUNIDADE

Rafael de Figueiredo – François Rabelais

Cap. 3 – Dificuldade de Aprendizagem §32 Página 63

Nada de anormal era percebido por nós outros naquele lar tão comum. Fomos encaminhados àquela residência a fim de observar influências relacionadas à recepção mediúnica não educada, porém até aquele instante nada de peculiar havíamos notado, preferimos aguardar os acontecimentos em silêncio.

A condução que diariamente levava Rodrigo e Bea à escola estava em frente à casa, e nós, atentos, acompanhávamos a movimentação do veículo rumando para a escola.

Nada digno de comentários ocorrera até o momento em que nos aproximávamos do horário da aula dedicada a trabalhos manuais em artes. Aos poucos, a fisionomia de Rodrigo foi demonstrando apreensão, o menino passou a um estado de angústia e tornou-se irritado, tinha as características de um animal acuado.

A professora, senhora de meia idade, pedira que todos trabalhassem com tinta e pincéis, deixando que a imaginação livremente transformasse as imagens mentais em desenhos. Rodrigo recusava-se terminantemente a executar esta atividade. A professora já havia se acostumado, mas para nós, que observávamos pela primeira vez, parecia bastante curiosa a veemente recusa do menino.

Angustiado, assustado com algo que não compreendíamos, aguardava sentado os colegas finalizarem a atividade solicitada. Através de gestos e murmúrios, parecia tentar deslocar sua atenção de toda e qualquer referência a pinturas. Fazia enorme esforço mental para situar-se desligado do que acontecia em sala de aula.

Nesse ínterim, devido à nossa estranheza com a situação que percebíamos no garoto, aguçamos a curiosidade sobre o caso que acompanhávamos.

- Eis a questão que deveríamos observar - disse o instrutor que nos acompanhava, dirigindo o olhar para o garoto.

Curiosos, nos esforçamos por divisar a presença espiritual que possivelmente o estava perturbando. Para nossa total perplexidade, nada conseguíamos perceber. Não havia nenhum espírito atuando sobre o garoto, nada, nem mesmo uma atuação magnética à distância.

Em nosso socorro interveio mais uma vez Maximiliano:

- Realmente neste caso não existe a atuação externa no processo, todo desequilíbrio provém do próprio espírito encarnado.

Ficamos por demais interessados e, finda rápida pausa, continuou o instrutor:

- Mesmo que dirigissem seus olhares percucientes sobre o aparelho encefálico do menino, na busca por agentes espirituais, nada encontrariam que atuasse externamente. Toda esta sintomática é provocada pelo desequilíbrio emocional do espírito, que repercute sobre o agente locomotor externo.

Seguia palestrando o arguto instrutor:

- Não estamos especificamente observando um caso de mediunidade sem orientação, isso sob o enfoque da terminologia espírita. Observamos aqui um fenômeno fobo fóbico, que teve origem pela má condução de processo anímico, ou, na classificação de Aksakof, personismo.

Como compreendem, o animismo é fenômeno que difere da mediunidade em termos conceituais, mas que na essência tem igualmente sua origem numa faculdade do espírito. O que diferencia estes fenômenos conceitualmente é o fato de existir ou não a participação de um agente externo, no caso um espírito, sensibilizando o sensitivo. A mediunidade, para sua conceituação, exige a participação de um espírito que não seja o do próprio médium, o animismo refere-se ao afloramento da sensibilidade perceptiva por parte do próprio espírito, que interage diretamente no processo.

Enquanto nosso orientador discorria sobre o tema, recordava-me das inúmeras vezes que ouvi estudiosos da Doutrina Espírita equivocadamente condenarem a ocorrência de fenômenos que partissem da própria capacidade sensível do espírito do médium.

Captando minhas reflexões, Maximiliano dera diferente rumo à conversação, nos esclarecendo:

- Não podemos desconsiderar as faculdades sensíveis inerentes às possibilidades espirituais. Desenvolvendo-nos em constante processo evolutivo, tendemos a dilatar nossa capacidade de relação com o mundo espiritual, tornando-nos não somente intermediários, mas igualmente estudantes da esfera espiritual, mesmo que estejamos ainda a habitar a esfera material. Muitos foram os considerados gênios pela humanidade que utilizaram a sensibilidade anímica para dar cumprimento aos seus legados, intelectuais e artísticos. É correto afirmar que esses grandes vultos da humanidade contavam com grande amparo espiritual, mas essa afirmação não inviabiliza a necessidade que possuíam estes ícones encarnados de arregimentar sensivelmente suas aquisições íntimas na perfeita consagração da tarefa. Einstein, por exemplo, não conseguiria chegar a suas brilhantes conclusões se não houvesse a possibilidade de mobilizar aquilo tudo que havia conhecido através dos tempos nos refolhos da própria alma. Mesmo a participação efetiva da espiritualidade não seria suficiente para fazer o grande gênio compreender suas teorias se não as retivesse em latência na intimidade.

É necessário que saibamos com muita sensibilidade precisar quando o animismo traz benefícios ou não. Porém, jamais devemos considerar esta faculdade como sendo descartável, ao contrário, precisamos educá-la e trabalhá-la, pois é através dela que manifestamos o que realmente somos, com todos os medos, acertos e imperfeições. O animismo é a chave para conhecermos a nós mesmos. Difere da mediunidade somente em sua forma de proceder nas atividades de intercâmbio mediúnic, pois ambas têm a mesma gênese, que é a sensibilidade do espírito.

Retornando à observação do menino, continuou:

- Este menino que observamos sofre por não saber lidar com a sensibilidade que possui, pelos distúrbios que produziu em seu próprio íntimo.

MENSAGEM FINAL

Luiz Pessoa Guimarães

Um assunto às vezes, tão incompreendido e tão ricamente abordado nas obras espíritas, temos agora a oportunidade de compará-lo, confrontá-lo e às vezes completar o sentido quando lido em conjunto na visão de autores encarnados e desencarnados. Podemos aplicar aqui a máxima consoladora do Cristo "Conhecereis a Verdade e ela vos libertará". A Verdade foi colocada nos livros, precisamos lê-los.